



CARA A CARA: CONHECENDO ESCRITORES DE LIVROS TRABALHADOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Anália Vitória Costa Ferreira ¹
Elaine Cristina Barbosa de Lima ²
Lucineide da Silva Carneiro ³
Adriana Lucimeire Costa Maia Lima ⁴

INTRODUÇÃO

O ensino focado na formação de leitores é uma das cobranças para a escola contemporânea. Visando os baixos índices de leitura em território brasileiro, essa é uma demanda que se faz presente há muitos anos, principalmente no cenário atual de intensos acessos à internet, sobretudo às redes sociais, que oferecem conteúdos rápidos e superficiais. Segundo o canal de notícias Agência Brasil, o brasileiro lê em média 5 livros por ano, e isso se deve exatamente ao acesso facilitado à internet.

Diante disso, a escola tem se mostrado um dos espaços mais úteis para retomar os hábitos de leitura da população, mas os resultados ainda são insatisfatórios. Para Santos *et al*, “Um dos diversos desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos sejam leitores fluentes, pois grande parte das informações que necessitamos para viver em sociedade e construir conhecimento são encontrados na forma escrita” (SANTOS, *et al*, 2021, p. 3).

Nesse sentido, estratégias devem ser fomentadas para que o aluno que primeiro lê forçadamente, passe a sentir prazer por esse hábito, tendo em vista que se isso não acontecer, nos anos pós-escolares, a leitura poderá não voltar a fazer parte da vida desse indivíduo. Além disso, quando se fala em ler fluentemente, é na tentativa de desenvolver um sujeito letrado e

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, bolsista no Programa Residência Pedagógica, analaviatoria@alu.uern.br

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, bolsista no Programa Residência Pedagógica, barbosalima@alu.uern.br

³ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e professora na mesma instituição, além de docente orientadora do Subprojeto Língua Portuguesa – CAPF/UERN – Programa Residência Pedagógica, lucineidecarneiro@uern.br

⁴ Graduada em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, e professora preceptora do Programa de Residência Pedagógica na Escola Estadual José Ferreira da Costa, maiaadriana430@gmail.com



não que somente decodifica. É preciso entender o que se lê, de fato, interpretar e compreender.

Nessa perspectiva, a parceria entre ensino básico e universidade pode ser um caminho eficiente para a intensificação na formação de leitores. É nesse cenário que o Subprojeto Língua Portuguesa, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) contribuiu para uma atividade desse cunho na Escola Estadual José Ferreira da Costa, na cidade de Rafael Fernandes, Rio Grande do Norte. Nessa instituição, os alunos do 7º e 8º, Ensino Fundamental - anos finais, tiveram a oportunidade de trabalhar um livro em sala de aula e, de maneira *online*, conhecerem e conversarem com seus respectivos autores.

Desse modo, este resumo expandido objetiva relatar a experiência vivenciada pelas residentes, demonstrando como essa vivência pode ser útil para chamar a atenção de alunos do fundamental para o gosto pela leitura. Ademais, a metodologia utilizada para essa abordagem do interesse pela leitura é útil para divulgar o trabalho de escritores contemporâneos e disseminar o conteúdo de livros ainda não tão conhecidos no país, fortalecendo, assim, tanto o hábito de leitura do público infanto-juvenil como o trabalho de escritores em ascensão.

METODOLOGIA

O trabalho realizado na escola mencionada foi de grande valia para todos os envolvidos no projeto, alcançando os objetivos estabelecidos e proporcionando uma atividade nova diante das que geralmente são propostas.

Diante de tal premissa, para a elaboração da atividade aqui relatada, as residentes, que desenvolveram o projeto na Escola Estadual José Ferreira da Costa, começaram a atuação na escola em questão quando a professora preceptora trabalhava livros específicos nas turmas de 7º e 8º anos. Na turma do 7º ano, o livro era *Godi: um menino chamado liberdade* (2014), de Fábio Ferreira. Já na turma do 8º ano, o livro era *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil* (2017), de Aryane Cararo e Duda Porto de Souza. A leitura era realizada de modo silencioso e individual no próprio horário da aula (em um dia específico da semana), para que pudesse haver a seguridade de que, de fato, os alunos estavam lendo. As residentes acompanharam tanto as leituras, como as discussões acerca dos temas levantados pelos livros em ambas as salas.

Assim, observando que os autores dos livros eram brasileiros, buscou-se saber se o acesso a eles seria dificultoso ou não. Observando também que suas redes sociais tinham um

número regular de seguidores, o que facilita a probabilidade de se obter respostas por esse meio, contatou-se todos os autores para uma conversa com as turmas.

Diante disso, as turmas organizaram perguntas sobre as obras e sobre os próprios escritores, para que, assim, pudessem estabelecer um diálogo. Quando se obteve resposta, a roda de conversa foi marcada por intermédio da plataforma de videoconferência *Google Meet* e os debates ocorreram na própria sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de poder consultar os escritores das obras estudadas deixa a leitura de um livro muito mais interessante. Na percepção de Silveira, Castilhos e Wessel:

A pessoa que escreve se coloca, enquanto sujeito, em seus escritos. Dessa forma, escrever é escrever-se, assim como ler é ler-se. Uma vez que a leitura é um processo de assimilação e interpretação sobre a realidade, cada leitor coloca um pouco de si e dos seus pressupostos naquilo que lê. Então, tornar-se um leitor/escritor requer perceber o que está concebido na forma textual e refletir sobre como se vive o que está posto no nível pré-estabelecido. (SILVEIRA; CASTILHO; WESSEL, 2019, p. 124)

Logo, ao confrontar obra e produtor de tal objeto, os alunos puderam ter a oportunidade não apenas de entender suas interpretações a partir da construção particular que eles estabeleceram, alinhada às discussões estabelecidas pelo coletivo, mas também de observar como as considerações dos escritores afetam o processo de compreensão daquilo que foi lido.

No que se refere ao pós-conversa entre alunos e escritores, as percepções obtidas se sucedem a seguir. No sétimo ano, os alunos não tiveram uma organização prévia tão intensificada. As perguntas realizadas não foram discutidas pela turma previamente, mas selecionadas individualmente por cada discente. No entanto, os resultados foram satisfatórios. Os alunos questionaram o escritor Fábio Ferreira do porquê o nome de Godi equivaler à liberdade. Tal questionamento se faz interessante quando se observa a temática do livro, pois Godi é um escravizado, o que opõe a ideia de liberdade. Mesmo assim, os alunos não deixaram de notar essa antítese, percebendo que essa característica se faz relevante para a construção da crítica da obra.

Outro fator importante, foi a vontade dos alunos em verem um “Godi 2”, ao questionarem o escritor sobre a possibilidade de um segundo livro com o personagem. Isso evidencia a vontade dos alunos de manter uma leitura com o mesmo protagonista. Esse

questionamento escancara o fato de que os alunos se mantiveram interessados pela obra e que o interesse se intensificou após conciliar a leitura da obra com a leitura do seu próprio autor.

Já na turma de 8º ano, a organização da entrevista se deu previamente em nome de toda a turma, pois foram selecionadas, coletivamente, perguntas que seriam direcionadas às autoras. No momento da conversa, os alunos comentaram que, pós-entrevista, passaram a ver alguns pontos específicos do livro a partir de outro viés, relataram também como é significativo ver mulheres escrevendo sobre mulheres. Ocorreu, também, uma forte identificação entre classe e autoras pelo fato da maioria da turma ser composta por meninas, que leram sobre mulheres inspiradoras e tiveram a oportunidade de conhecer as figuras que pesquisaram sobre essas personalidades.

Dessa maneira, diante das discussões levantadas, pode-se apontar as estratégias utilizadas como proveitosas para o estabelecimento de uma metodologia que forme leitores. É a partir da colocação de alunos em um patamar de destaque, de protagonismo ao conduzirem debates com os escritores do próprio objeto de estudo, que se pode observar um posicionamento crítico a partir das leituras realizadas individual e coletivamente. Nessa premissa, Silveira, Castilho e Wessel vêm reafirmar que

As aulas críticas tendem a incentivar maior participação por parte dos alunos, que não ficam passivos, copiando do quadro e falando só quando chamados. No planejamento crítico, a aula é dialogada e alunos e professores participam efetivamente, compartilhando suas experiências, relatos e vivências. (SILVEIRA; CASTILHO; WESSEL, 2019, p. 125)

Logo, colocar os alunos para protagonizarem esse momento, os possibilitou assumir uma posição ativa em uma atividade proposta pela professora e pelos residentes, os propiciando um momento para sanar as dúvidas perante as obras lidas em sala, sem que estivessem compondo, necessariamente, um ambiente rígido e inflexível de uma atividade em sala. Afinal, tendo em vista a condução da conversa realizada pelos próprios alunos, valida-se a circunstância de que a curiosidade acerca dos livros partiu dos próprios discentes e não de um compromisso avaliativo proposto pelos docentes em sala.

Discutir obras literárias descompromissadamente também deve ser um exercício relevante para a formação de leitores. Apenas falar sobre um livro que se leu é a parte mais divertida do que vem após a leitura. Se o debate sobre as obras é feito exclusivamente com um caráter que se assemelha a uma atividade de casa ou avaliativa, certamente a leitura não será, de fato, uma tarefa atrativa.

Os alunos devem ser direcionados a discussões relevantes sobre os livros, mas esse não pode ser o objetivo único de uma aula, porque “é importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informação” (CAFIERO, 2010, p. 86). À face do exposto, criar o ambiente de discussão literária relatada proveu as circunstâncias defendidas pela autora.

Sobre isso, Santos *et al* (2021) ainda vem reforçar que o hábito de leitura não pode ser criado a partir de um ponto de vista mecânico e repetitivo, o que reitera as possibilidades defendidas pelas residentes-autoras deste trabalho.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, tem-se a determinação de que a atividade em questão, pensada e produzida pelas residentes, contribuiu para a quebra de paradigmas de atividades comuns acerca da formação de leitores. A partir de uma proposta nova e que potencializa a curiosidade dos adolescentes envolvidos, pôde-se assistir a discentes que se empenharam no aprofundamento da leitura de uma obra para colocarem em prática um diálogo rico com os produtores dos livros lidos.

Sendo assim, atividades que possam exercitar além do programado como atividade em sala, de casa, entre outros, são estratégias interessantes para se adotar na fomentação do hábito de leitura de adolescentes. Tudo o que simboliza algum tipo de compromisso tende a afastar o aluno do mundo literário. Desse modo, tarefas que fogem dessa arcada, mas que mantêm o foco na discussão da leitura são valiosas para que se possa, de fato, pensar em um aluno que lê por prazer e não somente pela obrigação.

REFERÊNCIAS

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. *In*: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Coleção Explorando o Ensino: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 85-106.

SANTOS, Ronielle Batista Oliveira. *et al*. A importância da leitura na sala de aula. **Research, Society and Development**. [s.l.], v. 10, n. 4, p. 1-10, mar/abr, 2021.

SILVEIRA, Clarissa Afonso da. CASTILHOS, Mariana Selbach. WESSEL, Samanta Cristina. O desafio de formar leitores e escritores na sala de aula da educação básica. *In*: MORÉS, Andréia. STECANELA, Nilda (org). **Diálogos com a educação: Cenários da formação e da atuação docente**. Caxias do Sul/RS: Educs, 2019, p. 123-141.